

## PRESERVANDO O AMBIENTE DA SALA DE AULA

**Aline Honorio A. da S. Gomes**

Prof.<sup>a</sup> do município de Itaporanga D'Ajuda  
alinehasgomes@yahoo.com.br

**Prof.<sup>a</sup> MSc. Acássia Cristina Souza**

DGE/UFS  
acs@ufs.br.

### RESUMO:

Um problema verificado comumente em escolas públicas, e em algumas particulares, é a degradação do ambiente das salas de aula. Observam-se carteiras quebradas e riscadas, lixo jogado no piso, paredes desenhadas e alunos conversando em volumes que inviabilizam a aprendizagem. O projeto em tela se desenvolveu a partir da observação do espaço cotidiano das salas de aula, na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro (Itaporanga D'Ajuda/SE), e do comportamento dos alunos em relação a estes ambientes. Este projeto didático foi direcionado às turmas do 6º ano (5<sup>as</sup> séries do ensino fundamental), pois são as turmas da escola, já mencionada, que apresentam esses problemas de forma acentuada. O trabalho visa levar os alunos a se perceberem como seres culturais e também naturais. Enquanto seres naturais necessitam da natureza e de ambientes saudáveis para sobreviverem. Os discentes são levados a perceber que as atitudes degradadoras nas salas de aula repercutem nestes espaços e em locais distantes dali. Busca-se mostrar que cada objeto contido na sala de aula fora extraído da natureza. Destruindo esses objetos, outros recursos naturais terão de ser extraídos para reequipar a escola. Espera-se que, ao longo e após o projeto, o aluno compreenda a importância de preservar as salas de aula, assim como o meio ambiente. Na conclusão do projeto os alunos serão convidados a participar de uma campanha em defesa das salas de aula e do meio ambiente em geral.

**Palavras – Chave:** Preservação ambiental; educação ambiental; sala de aula.

## 1 – JUSTIFICATIVA

No ambiente escolar costuma-se solicitar aos alunos que evitem riscar paredes, destruir carteiras e jogar o lixo no chão. Quase sempre os discentes questionam: Por quê? E não raro escutam a clássica resposta: Porque sim.

Como dizia o personagem Telekid do Castelo Rá-Tim-Bum<sup>1</sup> “porque sim não é resposta.” Lecionando alunos do 6º ao 9º ano (5ª à 8ª série) do ensino fundamental, percebe-se que não basta impor regras e comportamentos considerados corretos, pois na maioria das vezes ocorre o desrespeito e a desobediência.

Numa sala de aula de escola pública, e em alguns casos particular, é comum encontrarmos carteiras quebradas e riscadas, papéis de bala e outros resíduos jogados no chão, paredes riscadas ou desenhadas, alunos conversando em volumes que inviabilizam a aprendizagem e perturbam o bem-estar do ambiente, bem como da escola.

Enquanto professora de Geografia da escola municipal Profº. Nilson Barreto Socorro, município de Itaporanga D’Ajuda (SE), povoado Sapé, um dos problemas vivenciados na nossa escola é a grande quantidade de carteiras quebradas pelos próprios alunos, principalmente os do 6º ano, bem como o lixo jogado no piso das salas de aula (apesar da existência dos cestos de lixo) e as paredes riscadas, portas quebradas e quadros danificados, sem contar a gritaria durante as aulas.

Comumente quando se fala em Educação Ambiental nas escolas pensa-se em projetos que promovem excursões para locais que apresentam um predomínio de árvores, plantas, rios, lagos e outros recursos naturais. Nessa perspectiva parece que o meio ambiente está sempre do lado de fora dos espaços cotidianos e que nós, seres humanos, não somos seres naturais.

O projeto em pauta é destinado às turmas de 6º ano (5<sup>as</sup> séries do ensino fundamental), uma vez que os alunos desta etapa, em tese, são a base de um trajeto que dura em média mais três anos. Sensibilizando-os nesta fase estaremos reforçando bons modos aprendidos em família, no ensino fundamental menor e contribuindo para a formação de novos comportamentos dentro da escola, no ensino fundamental maior, nos futuros ensinos médio e superior, bem como fora da escola, em seus outros espaços de convivência.

---

<sup>1</sup>Programa infantil produzido e transmitido pela TV Cultura; estreou em 1994; foi criado pelo dramaturgo Flávio de Souza e pelo diretor Cao Hamburger.

Um projeto didático sozinho não dá conta de formar cidadãos conscientes com a realidade do planeta em que vivem. Porém é uma estratégia eficaz no conjunto dos conteúdos e atividades vivenciados pelo aluno na trajetória escolar.

Neste projeto visa-se levar os alunos a se perceberem como seres culturais mas também naturais. Uma vez naturais dependem da natureza para sobreviver. Outro aspecto que nos estimulou a realizar este projeto foi observar que dentre os conteúdos do 6º ano, em Geografia, estão meio ambiente, recursos naturais e impactos ambientais.

Muitas vezes os professores ensinam aos alunos que a sociedade tem poluído rios, degradado florestas, causado poluição visual e sonora, dentre outros danos ambientais. Os alunos são levados a criticar e condenar tais atitudes, sem perceberem, contudo, que praticam ações semelhantes dentro da sala de aula.

Observa-se que as atitudes degradadoras dos alunos refletem os maus exemplos da sociedade que os cerca e que, contraditoriamente, os ensina a preservar os recursos naturais, bem como o patrimônio público.

Este projeto objetiva também mostrar aos alunos que cada objeto contido na sala de aula, do lápis à carteira, veio da natureza. Pretende-se analisar detalhadamente cada elemento da sala de aula. Ao destruir uma carteira, por exemplo, o aluno será conduzido a perceber que outras árvores bem como outros recursos naturais, a exemplo do minério de ferro, terão de ser extraídos da natureza para recompor a que fora destruída.

Percebendo-se enquanto seres naturais, os alunos estarão cientes de que destruindo uma carteira, conseqüentemente contribuirão para o aumento da exploração e degradação dos recursos naturais. Destruindo a natureza estarão contribuindo para extinção da vida humana na Terra.

Compreendendo os “porquês” da preservação do ambiente da sala de aula, espera-se que os alunos reproduzam esta sensibilização nos mais diversos locais, seja na própria residência, no bairro, na cidade ou numa floresta. No planeta Terra tudo e todos têm origem na natureza e dela dependem.

Concluindo o projeto em pauta pretende-se lançar uma campanha na escola pela preservação das salas de aula, na qual os alunos do 6º ano (5ª séries) compartilharão o que aprenderam. Desse modo os discentes estarão experimentando um comportamento consciente e participativo, o qual se espera que reproduzam ao longo de suas existências.

## 2 – OBJETIVOS

- Perceber-se como ser cultural e natural;
- Compreender o que é meio ambiente;
- Analisar os tipos de poluição e suas conseqüências;
- Desenvolver comportamentos ambientalmente sustentáveis;
- Vivenciar o engajamento numa campanha em defesa do meio ambiente e do bem-estar social.
- 

## 3 – METODOLOGIA

No início o projeto deve ser apresentado aos alunos, evidenciando-se a importância do tema – Preservando o ambiente da sala de aula. Também devem ser informados os objetivos, os conteúdos que serão vistos, como se realizará o processo de avaliação e o quantitativo de aulas, em torno de 10, para a execução do projeto.

Considerando os objetivos já apresentados, os conteúdos do projeto são: meio ambiente e poluição; posturas ambientalmente sustentáveis; comunicação oral, escrita e desenho; campanha ambiental; observação e registro. A avaliação deverá ser feita ao longo e no final do projeto, na observação da participação e aprendizagem dos alunos, em atividades variadas como: trabalho em equipe; debates; observações e registros; elaboração de cartazes; canto em defesa do meio ambiente; participação na campanha em defesa do ambiente das salas de aula e textos ou desenhos sobre o projeto.

Além da avaliação do processo de aprendizagem dos alunos, no decorrer do projeto, deve-se verificar as observações da equipe diretiva, dos colegas professores e principalmente da equipe de limpeza da escola, no que diz respeito ao comportamento dos alunos nas salas de aula, assim como em todo o ambiente escolar. O processo de aprendizagem dos alunos e as observações de integrantes da comunidade escolar são essenciais para compor a auto-avaliação do professor.

Para a realização das aulas do projeto, o professor deverá fotografar as salas de aula da escola em que leciona, e arquivá-las. Também deverá pesquisar na internet, ou em outros meios, fotos de poluição no espaço urbano, a exemplo da visual, do lixo e sonora, bem como da degradação do patrimônio público.

Nesse início do projeto é importante solicitar aos alunos que observem as paredes da sala de aula, as carteiras, o quadro e o chão. Deve-se dialogar sobre o barulho das

conversas paralelas durante as aulas. Também será solicitado que os discentes façam um minuto de silêncio e depois informem como se sentiram.

As atividades acima propostas têm por finalidade levar os alunos a observarem o espaço cotidiano da sala de aula, verificando os reflexos de maus hábitos muitas vezes praticados por eles, e demonstrar que a degradação do ambiente da sala de aula retorna para o ambiente deles, assim como causa impactos em espaços distantes dali.

Na segunda aula serão exibidas as fotografias das salas de aula, as quais, no caso do projeto em tela, retratam os principais problemas verificados na nossa escola: carteiras e quadros danificados; paredes riscadas e lixo no chão. Na sequência serão apresentadas fotos que mostram exemplos de poluição visual, poluição do lixo, degradação das florestas e do patrimônio público nas cidades.

Para exibição das fotos citadas pode-se utilizar data show, aparelho de TV e dvd ou computador. Na escola em tela os computadores são os recursos a serem utilizados, devido a existência de um laboratório de informática. Para contribuir no processo de sensibilização dos alunos, além das fotos pode-se também exibir um slide com mensagem para reflexão.

Neste projeto foi escolhido o slide da Carta de 2070, o qual aborda a degradação da Terra e também conclama os indivíduos a salvarem o planeta enquanto houver tempo. Após a exibição das fotos e do slide, perguntar-se-á aos alunos se perceberam semelhanças e diferenças entre as fotografias da sala de aula e do espaço urbano. Então, ao final dessas primeiras aulas, é possível fazer anotações sobre as observações dos alunos e do andamento do projeto.

O tema da terceira aula é: O que é meio ambiente? Primeiramente deve-se perguntar aos alunos o que pensam sobre o tema, buscando-se escrever, no quadro, as observações deles. Em seguida, ainda no quadro, o professor deve escrever os conceitos de alguns estudiosos sobre o que é meio ambiente.

Os conceitos dos estudiosos devem ser explicados aos alunos, bem como solicitado que verifiquem semelhanças e diferenças entre o que eles e os estudiosos disseram. Depois se questiona: O homem faz parte do meio ambiente? O homem é um ser cultural ou natural? Essas questões devem ser debatidas com os alunos, verificando se os alunos compreendem os significados de “homem cultural” e “homem natural”, salientando-se que as duas realidades são pertinentes ao homem.

Verifica-se que nesta terceira aula os recursos didáticos a serem usados são o quadro e o giz, uma vez que se privilegia as argumentações entre professor e alunos.

Embora sejam recursos didáticos tradicionais, se utilizados de maneira dinâmica, envolvendo os discentes, podem contribuir para aulas de qualidade.

Na aula seguinte se propõe uma atividade de observação e registro. Para isso a turma deve ser dividida em equipes de quatro a cinco alunos, que podem usar canetas e/ou lápis e papel, para verificar e anotar os materiais que compõem: a carteira escolar; a parede da sala de aula; o caderno; o lápis; o quadro; a porta da sala de aula; as janelas; a farda, dentre outros.

O objetivo é analisar a procedência dos materiais que compõem cada objeto e verificar que um dia todos fizeram parte da natureza. Também é importante destacar o trabalho dos homens na extração desses recursos naturais, transporte para as indústrias, produção, comercialização, até chegarem à sala de aula.

Na quinta aula o tema é: O que é poluição e que tipos podemos encontrar na sala de aula? Nesta etapa é preciso explicar o que é poluição, analisar os tipos de poluição verificados na sala de aula e que consequências geram no meio ambiente, dentro e fora da escola.

Pode-se lembrar as fotos que foram exibidas no início do projeto, as quais retratavam exemplos de vários tipos de poluição e degradação ambiental. Nesse estágio é possível convidar os alunos a participarem de uma campanha de sensibilização dos alunos das outras turmas da escola, uma vez que o projeto em tela destina-se a alunos da 5ª série (6º ano do ensino fundamental).

Para a execução da campanha é preciso separar os seguintes materiais: aparelho de som; fotocópias de música (existem muitas músicas infanto-juvenis que abordam a temática ambiental, a exemplo da música Viver, composta por Neuma e Neon Morais, a qual faz parte do repertório de Xuxa); cartolinas; lápis grafite; lápis de cor e hidrocor; sacos plásticos transparentes e grampeador.

É necessário dividir tarefas de acordo com as aptidões ou desejos dos alunos. Há o grupo de alunos que podem explicar, à comunidade escolar, a justificativa e o passo a passo do projeto; o grupo que cantará a música do projeto; o grupo que coletará o lixo das salas de aula da escola, no período do recreio, e colocará em sacos plásticos transparentes, que serão lacrados e identificados com os nomes das respectivas turmas (esta atividade, assim como as outras, deve ser supervisionada pelo professor e terá utilidade na apresentação da campanha); o grupo que elaborará cartazes da campanha, os quais serão fixados nas salas de aula (deverão apresentar o nome da campanha –

Preservando o ambiente da sala de aula – e as atitudes necessárias para alcançar este objetivo, com desenhos e palavras).

O produto final do projeto é a campanha ambiental. Quando os grupos estiverem preparados e concluírem suas tarefas, deve-se convidar a equipe diretiva, os professores, alunos e demais funcionários da escola para o lançamento da campanha. Além do material elaborado pelos alunos, o professor poderá preparar um Banner que exponha as fotografias e o resumo do projeto em pauta. Na apresentação os alunos irão expor o passo a passo do projeto e mobilizar os outros alunos, bem como toda a comunidade escolar.

O lixo coletado nas salas de aula, separados em sacos plásticos transparentes e identificados com os nomes das turmas, será utilizado para eleger as que se apresentaram mais ou menos poluídas. Na conclusão do projeto, cada aluno será convidado a escrever um texto ou fazer um desenho demonstrando o que aprenderam.

As atividades dos alunos devem ser arquivadas numa pasta. O professor deve realizar a auto-avaliação, perguntando aos alunos, colegas, equipe diretiva e de limpeza, o que acharam do projeto. Deve verificar, então, se os objetivos foram alcançados, no trajeto e na conclusão do trabalho.

#### **4 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

##### **Breve histórico da educação ambiental**

A preocupação com o meio ambiente e discussões sobre essa temática, a nível mundial, intensificaram-se por volta da década de 1960. Em 1968, por exemplo, ocorreu uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos, em Roma. O objetivo era debater sobre o consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis, bem como o crescimento da população mundial.

O Clube de Roma concluiu que a humanidade precisava preservar os recursos naturais e conter o crescimento populacional. Após essa reunião foi publicado o livro *Limites do Crescimento* (1978), o qual se tornou tanto uma referência internacional quanto alvo de críticas. Intelectuais latino americanos entenderam que os países pobres teriam de controlar o crescimento de suas populações para não ser alterado o padrão de consumo dos países ricos.

Em 1972, em Estocolmo, na Suécia, foi realizada a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano, pela Organização das Nações Unidas. O tema central desta conferência foi a poluição gerada pelas indústrias. O Brasil, na década de 1970, vivia o

“milagre econômico” e considerava a poluição inevitável para se obter o progresso. Desse modo atraiu indústrias multinacionais para o país.

As consequências dessa postura política se refletem até os dias atuais, como a poluição dos rios, do ar, destruição de florestas, e conseqüentemente de espécies animais e vegetais, doenças geradas na população residente próximo dessas indústrias, fato que ocasionou muitas mortes.

Segundo Reigota (1994) a educação ambiental surgiu como uma resolução proferida na Conferência de Estocolmo. Ela teria a tarefa de educar cidadãos no sentido de promoverem a solução dos problemas ambientais.

A UNESCO passou a ser responsável pela difusão da educação ambiental, promovendo seminários e estabelecendo os seus fundamentos. Um desses seminários foi realizado em Belgrado, no ano de 1975, antiga Iugoslávia. Participaram dessa reunião especialistas em educação e de outras ciências ligadas à temática ambiental, os quais definiram os objetivos da educação ambiental, descritos na “Carta de Belgrado”.

No final da década de 70 e no início da década de 80, a primeira ministra norueguesa, Gro-Brundtland, realizou reuniões em várias cidades do mundo, discutindo sobre os problemas ambientais e as soluções encontradas, pós conferência de Estocolmo.

Os subsídios temáticos da ECO – 92, Segunda Conferência Mundial do Meio Ambiente, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, partiram do relatório “O nosso futuro comum”, também chamado de relatório Brundtland. O documento enfatiza a importância da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável.

Percebe-se que a partir desses eventos ambientais pioneiros, propagaram-se projetos e práticas de educação ambiental. Porém Reigota (1994, p.18) alerta para algumas práticas que se apresentam “*muito simplistas que refletem ingenuidade, oportunismo e confusão teórica, conceitual e política*”.

### **Educação Ambiental transformadora e a Lei 9.795 /99**

Paulo Freire, segundo Loureiro (2004), compreendia a educação como um processo dialógico pelo qual nos educamos mutuamente, mediados pelo mundo e em nome de uma “ética de vida”. Para o educador é impossível realizar a superação das contradições nas relações sociais, sob a vigência de uma “educação bancária”, ou seja, reprodutora da sociedade capitalista.



Loureiro exemplifica a educação bancária condenada por Paulo Freire, especialmente em programas de Educação Ambiental. O caso de populações residentes em unidades de conservação e que recebem, de maneira impositiva, orientações consideradas corretas pelas instituições responsáveis por tais programas.

A Educação Ambiental não atua somente no plano das idéias e no da transmissão de informações, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida. (LOUREIRO, 2004, p. 28)

Uma Educação Ambiental transformadora deve levar em consideração a realidade em volta, o diálogo entre quem ensina e quem aprende, ou seja, a troca de informações e experiências, de modo a favorecer um real processo de conscientização.

A Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, aborda a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Segundo essa lei a educação ambiental envolve:

Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências, voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Lei 9.795, 1999, Art. 1º).

Dentre os objetivos da educação ambiental, conforme a referida Lei, estão:

... O desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações (...); a garantia de democratização das informações ambientais; o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social; o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do país (...) com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada (...); o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia e o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade (Lei 9.795, 1999, Art. 5º, I,II,III,IV,V,VI e VII).

A educação ambiental, portanto, deve levar em consideração as escalas local, regional, nacional e global, assim como deve ser permeada de ética, tanto para com as sociedades quanto para a natureza.

Os PCNs (1998) ressaltam a importância da temática ambiental, especialmente no âmbito escolar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais a temática ambiental deve contribuir para a formação de cidadãos conscientes e preparados para atuar em prol de suas sobrevivências, da sobrevivência dos outros e da natureza em geral.

É necessário ir além de informações e conceitos. É preciso se propor a trabalhar com atitudes e formação de valores. O trabalho com o tema Meio Ambiente deve proporcionar a formação de alunos que se identificam como parte da natureza e que adotam posturas justas e ambientalmente sustentáveis.

Pode-se perceber que o educador ambiental tem muita responsabilidade em suas mãos. De acordo com Rita Mendonça (2006, p. 21) o educador ambiental deve estar atento às suas atitudes: *“Mas, se ele quer se engajar na questão ambiental, deve começar pensando na sua vida, no seu comportamento e na sua relação com o próprio corpo e com a natureza”*.

O educador ambiental antes de tudo é também um aprendiz. Portanto, como defendia Paulo Freire, a educação transformadora é um processo dialógico, em que professores e alunos se educam mutuamente. Embora, em tese, os professores detenham um arcabouço teórico maior do que o dos alunos é necessário estar sempre aberto a novos saberes e experiências.

### **Educação Ambiental Formal e o processo de avaliação formativa**

A educação ambiental, conforme determina a Lei 9.795/99, é direito de todos e deve estar presente nos âmbitos Formal e Não-Formal. Na seção II a referida lei aborda a educação ambiental no ensino formal.

O artigo 9º diz que a educação formal é a que se desenvolve em instituições de ensino, públicas e privadas, na educação básica, superior, especial, profissional e na de jovens e adultos. O projeto em tela foi direcionado para a educação formal, especificamente na educação básica, 6º ano do ensino fundamental. Para Reigota (1994, p. 24) *“A escola é um dos locais privilegiados para a realização da educação ambiental, desde que dê oportunidade à criatividade”*.

Segundo Antonucci (2009) uma das maneiras de se alcançar os objetivos estabelecidos pela Educação Ambiental é trabalhá-la no ensino formal. É preciso, sobretudo, trabalhar no sentido de mudança de valores individuais, respeitando-se as particularidades locais, promovendo a adoção de condutas sustentáveis e abrangendo a totalidade do ambiente.

A escola é o espaço social e local onde o aluno dará sequência ao seu processo de socialização. É de extrema importância que cada aluno desenvolva as suas potencialidades e adote posturas pessoais e comportamentos sociais construtivos, colaborando para a contemplação de uma sociedade socialmente justa, em um ambiente saudável. Por isso, comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis (ANTONUCCI, 2009, p. 1)

Os resultados da educação ambiental, quando relacionados a aspectos da vida real, à realidade de alunos e professores, tendem a ser positivos. Antonucci (2009, p.2) ressalta a importância de uma “*metodologia adequada, que avalie todas as etapas do processo e analise os avanços dentro do programa*”. A autora cita a metodologia “PPP (Planejamento, Processo e Produto)”, segundo ela criada por *Susan Jacobson*, cuja característica principal é a avaliação continuada, em cada etapa de um processo de programa de educação ambiental.

Outro aspecto relevante a ser evidenciado neste projeto é a avaliação. Ela deve ser utilizada para acompanhar o desenvolvimento e a compreensão do aluno. Hoffmann (1992) afirma que a avaliação só possui sentido quando garante ao aluno a construção do seu conhecimento. É necessário, portanto, permitir que os alunos experimentem formas diversificadas de avaliação.

Para ser coerente e cumprir com o seu papel no processo de crescimento intelectual dos alunos, a avaliação deve ser constante e não um momento final. Segundo Hoffmann (1992) na avaliação formativa o professor procura dar prosseguimento aos percursos de aprendizagem dos alunos. A nota seria, portanto, uma decorrência do processo, e não sua finalidade.

Para Fernandes e Freitas (2008, p. 22) o processo de avaliação formativa implica em respeitar princípios e critérios refletidos coletivamente, numa concepção de educação e em uma determinada estratégia pedagógica. A avaliação formativa solicita um papel ativo do estudante, em seu percurso do saber:

... ou seja, a avaliação formativa, tendo como foco o processo de aprendizagem, numa perspectiva de interação e de diálogo, coloca também no estudante, e não apenas no professor, a responsabilidade por seus avanços e suas necessidades (FERNANDES E FREITAS, 2008, p. 22) .

Para esse tipo de avaliação é necessário que seja informado ao aluno os conteúdos que serão trabalhados, os objetivos e os critérios utilizados para verificar os avanços de suas aprendizagens.

O professor, trabalhando na perspectiva da avaliação formativa, não está preocupado no dia-a-dia em atribuir notas aos estudantes, mas em observar e registrar seus percursos durante as aulas, a fim de analisar as possibilidades de aprendizagem de cada um e do grupo como um todo. Pode, dessa forma, planejar e replanejar as possibilidades de intervenção junto às aprendizagens de seus estudantes (FERNANDES e FREITAS, 2008, p. 30)

Um instrumento de avaliação formativa deve apresentar uma linguagem clara e objetiva, deve contextualizar o que se investiga, deve apresentar um conteúdo significativo para o aluno, ter coerência com os propósitos do ensino e deve, sobretudo, explorar a capacidade de leitura e de escrita, bem como de raciocínio, dos educandos.

Assim sendo, avaliar alunos na perspectiva formativa exige responsabilidade do professor, sensibilidade e comprometimento, além de também realizar sua auto-avaliação. Não só os alunos são avaliados, no âmbito das atividades de aprendizagem, mas também o educador deve ter senso crítico e permanentemente verificar se o seu trabalho necessita ser reformulado.

### **Os tipos de poluição e seus impactos**

Ao longo da história o homem foi acumulando experiências e conhecimentos. Cada vez mais transformou o meio ambiente à sua volta e se afastou da natureza. Ele é um ser cultural, dotado de conhecimentos, e também social, ou seja, é parte integrante da sociedade. O homem atua sobre o meio ambiente, constrói casas, ruas, cidades, meios de transporte e de comunicações.

Mas o homem também é um ser natural. Para sobreviver necessita de ar, água e de alimentos. Além disso, todas as coisas que o homem construiu, ao longo da história, têm origem na natureza.

Quando se fala em Educação Ambiental pensa-se no seu objeto de estudo – o meio ambiente. Mas afinal, o que é o meio ambiente? Reigota (1994, p. 21) define meio ambiente como “*um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação aspectos naturais e sociais*”. Gomes, Souza e Ribeiro (2007, p. 14) definem meio ambiente como “*todo e qualquer lugar da Terra em que ocorram interações entre os seres bióticos e abióticos.*” Tudo o que existe no espaço urbano, por exemplo, veio da natureza e o próprio ser humano é um elemento natural.

A humanidade tem explorado a natureza, principalmente após o surgimento das indústrias, de maneira cada vez mais intensa. Muitos enxergam a natureza apenas como fonte de lucro e depósito de poluição.

Com a Revolução Industrial ocorreu também uma grande urbanização, ou seja, o aparecimento de novas cidades e o crescimento de outras. Os seres humanos passaram a viver mais aglomerados em cidades. Isso provocou, de forma mais acentuada, problemas de habitação e de saneamento: onde obter água, onde depositar os excrementos humanos, onde depositar o lixo etc. (ADAS, 2006, p. 159)

Poluição significa a degradação do meio natural, ou seja, o acúmulo anormal de substâncias prejudiciais à saúde e ao meio ambiente. Existem diversos tipos de poluição, dentre os quais se destaca, neste projeto, a visual, do lixo e sonora.

Segundo França Júnior (2008, p.1) quando se fala em poluição, poucas pessoas lembram da visual. Ele define poluição visual em áreas urbanas como “*a proliferação indiscriminada de “outdoors”, cartazes, formas diversas de propaganda e outros fatores que causem prejuízos estéticos à paisagem urbana local*”. A poluição visual agride a sensibilidade humana, influencia a mente e afeta, principalmente, o psicológico das pessoas.

A produção de lixo, nas últimas décadas, tem crescido em todo o planeta Terra. Existem cidades européias, por exemplo, que não sabem mais o que fazer com o lixo que produzem.

Enquanto não houver uma conscientização de grande parte da sociedade mundial, no que tange ao consumo desordenado e destino do lixo, a natureza agoniza com o acúmulo de latas de alumínio (100 a 500 anos na natureza), sacos e copos de plástico

(200 a 450 anos), garrafas e frascos de vidro ou plástico (tempo indeterminado), dentre outros.

Ressalta-se que o acúmulo de lixo ocasiona mau cheiro, emissão de gases poluentes, bem como atrai microorganismos que causam doenças. Pequenas ações como jogar o lixo na lixeira, evitar o desperdício e reaproveitar objetos, promovem ambientes mais saudáveis.

A poluição sonora é o efeito provocado pela emissão do som em volume demasiadamente alto, acima do suportável pelos organismos vivos, no meio ambiente. Este tipo de poluição prejudica a comunicação entre as pessoas, perturba o sono, o descanso, interfere na concentração e aprendizagem, provoca cansaço e tensão, podendo até afetar o sistema nervoso e cardiovascular.

Além da poluição visual, do lixo e sonora, destaca-se, neste projeto, a degradação do patrimônio público. Em muitas cidades do mundo vândalos costumam quebrar orelhões, destruir praças públicas, calçadas, pontos de ônibus, fachadas de prédios públicos e monumentos históricos. A degradação do patrimônio público é um desrespeito à sociedade e, muitas vezes, à história e cultura de um povo.

Segundo Martins (2001, p. 21) “*o meio ambiente é considerado patrimônio público a ser assegurado e protegido para uso coletivo.*” A autora destaca a constituição do Brasil de 1998, a qual deixa claro o direito que todos temos de desfrutar de um ambiente sadio e equilibrado.

Atitudes ambientalmente sustentáveis, portanto, são as que levam em consideração a vida e a preservação da natureza. A Educação Ambiental, segundo Reigota (1994), pode contribuir para a formação de cidadãos conscientes de si e do mundo à sua volta.

## **5 - Considerações finais**

Na conclusão deste projeto, realizado na escola municipal anteriormente mencionada, foi possível verificar resultados positivos. Os alunos, em sua maioria, demonstraram ter compreendido que a degradação da sala de aula gera impactos ambientais para eles próprios e para a sociedade que arca com os custos, perspectiva econômica, bem como essa degradação espraia-se para outros ambientes, que se situam distantes da localidade da escola.

A equipe de limpeza da escola observou mudanças de atitudes em grande parte dos discentes, relatando que as salas de aula se encontravam mais limpas e com menos carteiras quebradas. Além dos objetivos programados para este trabalho, foi possível

perceber alunos que apresentavam baixo rendimento escolar, passando a se comprometer com as atividades, sendo revelado alguns talentos para as artes.

A escola é um ambiente especial no qual se deve desenvolver a educação ambiental formal, conforme determina a Lei 9.795/99. Neste ambiente pode-se trabalhar de maneira dialógica, em nome de uma “ética de vida”.

A preocupação com o meio ambiente gerou, a nível mundial, e após encontros e debates, a necessidade de existência da educação ambiental. Embora tenha adentrado tardiamente no movimento ambiental, hoje o Brasil conta com vasta legislação ambiental e também com uma Lei que regulamenta a educação ambiental, e institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

Através das supracitadas políticas deve-se privilegiar metodologias que permitam o diálogo entre educadores e aprendizes, e também promover avaliações formativas, e partir da realidade local, próxima do aluno, para então relacionar ao global, pois a temática ambiental permite essa interação. A proximidade com o objeto de estudo, a vivência do aluno sobre o que estuda, favorece o processo de sensibilização.

Trabalhar com educação ambiental é saber que muitas vezes, apesar de todo empenho do professor, de metodologias que o aproximam do aluno, alguns parecem resistir a modificar atitudes degradadoras. Porém é necessário acreditar que outros compreenderão as mensagens e modificarão comportamentos, e o trabalho deve continuar em busca da manutenção do equilíbrio planetário.

## 8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, Melhem. **Geografia – noções básicas de geografia**, 5ª série. São Paulo: Moderna, 2006. p. 150 – 181.
- ANTONUCCI, Alice Gomes. **A Educação Ambiental como Prática no Ensino Formal**. Disponível em: <http://www.cenedcursos.com.br/educacao-ambiental-ensino-formal.html>. Acesso em: 09 de julho de 2009.
- CARTA ESCRITA NO ANO DE 2070**. Disponível em: [www.labeee.ufsc.br/graduacao/.../Carta-Escrita-no-Ano-2070.pps](http://www.labeee.ufsc.br/graduacao/.../Carta-Escrita-no-Ano-2070.pps). Acesso em: 20 de junho de 2008.
- FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Org.: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- FRANÇA JÚNIOR, Roberto Hermínio. **Poluição visual urbana**. Disponível em: [http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./urbano/index.html&conteúdo=./urbano/artigos/polu\\_visu.html](http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./urbano/index.html&conteúdo=./urbano/artigos/polu_visu.html). Acesso em: 10 de maio de 2008.
- GOMES, Aline Honorio A. da Silva; SOUZA, Maria Iêda de Carvalho; RIBEIRO, Mary Claudia Tavares. **Poluição Sonora: percepção da população aracajuana**. 2007. 60f. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) – Núcleo de Pós- Graduação e Extensão, Faculdade Atlântico, Aracaju, 2007.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação; mito e desafio**. Porto Alegre, Educação e Realidade, 1992.
- Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm). Acesso em: 12 de novembro de 2007.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Por uma educação ambiental transformadora**. In: Trajetórias e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2004, p. 89 – 131.
- MARTINS, Maria Helena Pires. **Preservando o patrimônio e construindo a identidade**. São Paulo: Moderna, 2001 (Aprendendo a com – viver).
- MENDONÇA, Rita. O educador ambiental ensina por suas atitudes. **Revista Nova Escola**. São Paulo, v. 190, ano XXI, p. 20 – 22, mar. 2006.
- Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**; terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Temas transversais. Brasília, 1998. p. 187, 189 – 191 e 197 – 198.
- PIRES, Valquíria & BELUCE, Bellucci. **Geografia**, 5ª série. São Paulo: Scipione, 2005. p. 175 – 196(Coleção Projeto Radix).
- REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos).
- SANTOS, Fabiano Pereira. **Meio ambiente e poluição**. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br-Doutrina-Meioambienteepoluicao>. Acesso em: 28 de julho de 2007.